

# A Casinha de Bolinhas de Arco-Íris



**Barbara Samel Rocha Tostes**

Ilustrado por: Clayton Ramos



Barbara Samel Rocha Tostes escreveu *A Casinha de Bolinhas de Arco-Íris* em 1993.

Desde muito cedo já gostava de escrever.

Aos 9 anos, pediu uma máquina de escrever (não tinha computador naquela época!), fez curso de datilografia e passava o dia escrevendo pequenas histórias para que seus pais e seus irmãos lessem.

Foi nessa mesma época que ganhou outro presente do pai: um mimeógrafo (também não tinha copiadoras ou impressoras como temos hoje). Fazia historinhas e jornais contando os fatos do bairro onde morava e distribuía a todos os amigos e vizinhos.

Em 2005, forma-se como Jornalista na Faculdade Secal, em Ponta Grossa.

## A Casinha de Bolinhas de Arco-Íris

Clayton Ramos é artista plástico, já trabalhou com artes gráficas e atualmente trabalha como freelancer.

Já participou de diversas

exposições na Casa da Praça, Casa da Cultura e no Teatro Bento Mossurunga, em Castro-PR.

No ano 2000, teve um de seus quadros premiados no II Salão Paranaense de Artes Plásticas com o prêmio Menção Honrosa. Também em 2000 ganhou o segundo lugar no concurso de animação do Flash Film Festival, patrocinado pela Macromedia. Atualmente está trabalhando com pintura para crianças carentes, com o Projeto Revitalização dos Muros da cidade. Clayton também trabalha com organização e decoração de eventos para jovens.



# A Casinha de Bolinhas de Arco-Iris

Barbara Samel Rocha Tostes  
Ilustrado por: Clayton Ramos

1ª Impressão: Abril/2005

CopyRight©1993

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988 de 14/12/73  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida,  
sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos,  
mecânicos, fotográficos, gravações ou quaisquer outros.

# A Casinha de Bolinhas de Arco-Iris

Dedico este livro à minha mãe Sonia e ao meu pai Murilo, que um dia disse: “Vamos publicar!” depois de ler alguns textos meus. Eles sempre nos incentivaram. Aos meus irmãos: Patricia, Jean e Alessandro pelos bons momentos que passamos juntos.

Às minhas filhas queridas, Fernanda e Bruna, ao meu marido e companheiro, Igor. À toda a minha família maravilhosa, aos meus sobrinhos. Aos amados vô Buth e vô Arinda! Nunca vou esquecer os sábados e domingos comendo doce de leite e carambola com sal... e as férias na casa deles...

Aos meus amigos, aos colegas. À minha amiga Elaine (Tatia) que fez a primeira correção e deu umas puxadas de orelha. Ao Matheus, ao Davi e a todos os primos, tias, irmãs e irmãos emprestados da família da vô Gilda e vô Manoel.

Também não posso esquecer das queridas professoras da infância: Tia Eunice, Tia Bijú. Da Professora Rosane Corrêa, que pedia cinco redações por semana! E da querida Professora Marília, da Faculdade de Jornalismo, pelas correções de última hora e pelas sugestões.



Bem longe, onde os olhos não chegam, bem longe mesmo, havia (quase não existia) um lugarejo humilde, de gente e costumes muito esquisitos.

Ninguém sabia ao certo o nome daquele lugar. Alguns o chamavam de Bota de Judas – porque afirmavam que tinha sido lá o lugar onde Judas deixara sua botina – outros, os mais engraçadinhos, diziam que o lugar era Ponto Final ou Fim de Mundo. Mas Arco-Íris era o nome oficial, usado por toda gente de respeito que havia na cidadela.

Em Arco-Íris não tinha rua que não tivesse fim.

A maioria das pessoas de lá não tinha parentes e os que tinham, não recebiam notícias. Nunca teve Prefeito. Muito menos Câmara de Vereadores. Havia apenas uma Associação. Mesmo assim, só eram tratados assuntos sociais e urgentes. Nunca souberam o que era progresso naquele pacato lugar. Televisão? Ar condicionado? Sabão em pó? Carro? Ninguém conhecia essas coisas.

Era nesse maravilhoso povoado sem política e sem indústria; no lugar mais alto, no pico do Monte Sete-Léguas, que ficava a tão falada Casinha de Bolinhas.



Não era apenas uma casinha. Era uma casinha de bolinhas. Diferente de tudo o que era diferente em Arco-Íris. Era sua principal atração. Uns a chamavam “cafoninha”, outros a achavam “bonitinha”.

A casinha aparecia de qualquer ponto da cidade. Tinha bolas e bolinhas. As miúdas eram vermelhas. Os tamanhos iam crescendo e surgiam as amarelas, azuis e, por fim, as maiores, as verdes.

Por todo canto da Casinha de Bolinhas de Arco-Íris, em tudo e qualquer lugar, existiam bolinhas. No telhado, nas portas, nas janelas...

Na frente, espalhadas pelo chão, pedrinhas do fundo do mar enfeitavam ainda mais a estranha construção. Ninguém jamais soube explicar como é que as pedras foram parar lá. Esse era um dos muitos mistérios que a Casinha de Bolinhas guardava.

Ao lado da velha e emperiquitada casa, crescia uma linda roseira. Desde que o construtor da casinha morrera, nunca mais a roseira floresceu. Nunca deu um botãozinho sequer. Nada, nada...

Quem construiu e morou até a morte na Casinha de Bolinhas de Arco-Íris foi um senhor que tinha muitos filhos e netos. Talvez como que para agradar as crianças, pintou o telhado e as paredes com bolas coloridas.





Toda vez que o sol nascia, ele ficava bem em cima da Casinha de Bolinhas. A luz do sol deixava as bolinhas e bolas mais claras, vivas e bonitas.

O segundo morador é um mistério. Dizem que disseram que na casa também moraram alguns parentes do velho construtor e primeiro morador. Quando os parentes do velho acabaram, a casinha ficou abandonada por uns tempos. Então, a Associação decidiu alugar ou vender a casinha.

Demorou muito até alguém se armar de coragem e ir viver na Casinha de Bolinhas de Arco-Íris. Mas era sempre por pouco tempo. Ninguém ficava mais que um mês na casinha. Esperavam vencer o aluguel, pagavam e se mandavam para qualquer outro lugar. Iam para bem longe das vistas de quem os vira por lá. Era a triste história da Casinha de Bolinhas.

Certa vez uma família (a última e que mora lá até hoje) chegou de mudança na casinha. O pai achava que era “bonitinha”. A mãe detestava e tinha vergonha da casinha tão cafoninha. A filhinha do casal, Marcela, não achava a casinha nem bonita, nem cafoninha. Ela tinha cinco anos e o que importava era o que sentia pela casinha.

Era um sentimento só dela. Não dava para explicar. Talvez alguém também já se sentiu assim quando criança. Só as crianças podem ter um

sentimento puro como esse da menina pela casinha.

Os adultos pensam muito nas coisas materiais. A Marcela não tinha essa ambição. Ela gostava muito da casinha de Bolinhas de Arco-Íris. Não importava se era cafona, pequena, abandonada. Ela sentia uma coisa muito, mas muito forte mesmo, pela casinha.

Passaram-se dias, noites, sol, chuva, vento, nuvem, manhãs, tardes, noites e eles continuavam morando lá no pico do Monte Sete-Léguas. Abandonados, eles eram confundidos com a casinha pelos outros moradores que olhavam como desprezo para aquela casa cheia de bolas, tão cafona.

O pai continuava achando a casinha “bonitinha”. A mãe ainda detestava. Marcela sentia tudo, o mesmo sentimento que só ela sentira desde o início pela casinha.

Dona Inês não agüentava mais a vergonha de morar naquela casa horrível, cheia de bolinhas. Numa de louca, pintou as paredes da casinha de branco. Só o telhado se salvou! O pai ficou surpreso! Tinha acabado de voltar da lavoura. Ficou parado. Não gostou nada do que viu, mas não disse uma só palavra para a esposa. Marcelinha chorou, mas logo esqueceu, porque sua mãe lhe deu uma boneca para brincar.

A tinta branca secou e não apagou as bolinhas vermelhas e verdes. Mas as amarelas e azuis, mais claras, sumiram. A mãe, no outro dia, quis passar mais tinta. O pai inventou uma desculpa:

– Por favor, não passe mais tinta branca nas paredes da Casinha de Bolinhas, não! A Marcela acha bonitinha e você já deve estar satisfeita por ter apagado as amarelinhas e azuis, né não?

A mãe desconversou. No outro dia, a teimosa dona Inês passou uma segunda demão de tinta nas paredes da casinha. E já pensava num jeito de trocar o telhado depois. O povo de Arco-Íris se sentiu culpado. Agora, achavam que tinham exagerado na implicância.

O dia foi passando e a tinta secando. Para infelicidade de dona Inês, a outra demão só fez sumir as bolinhas verdes. As bolinhas vermelhas continuaram lá. Só elas. A mãe, que gostava um pouco do vermelho, se deu por satisfeita.

Dias, noites, sol, chuva, manhãs, tardes e chegou a Primavera! Numa noite da estação das flores, Marcelinha teve uma febre danada. Amanheceu e ela ainda estava ardendo em febre. Estava mal.

Dona Inês estava muito preocupada. Pediu que o marido fosse até a



distante Arco-Íris para comprar remédio.

– Antônio, vá até o Fim de Mundo comprar umas ervas para dar para essa menina. Mas vá rápido.

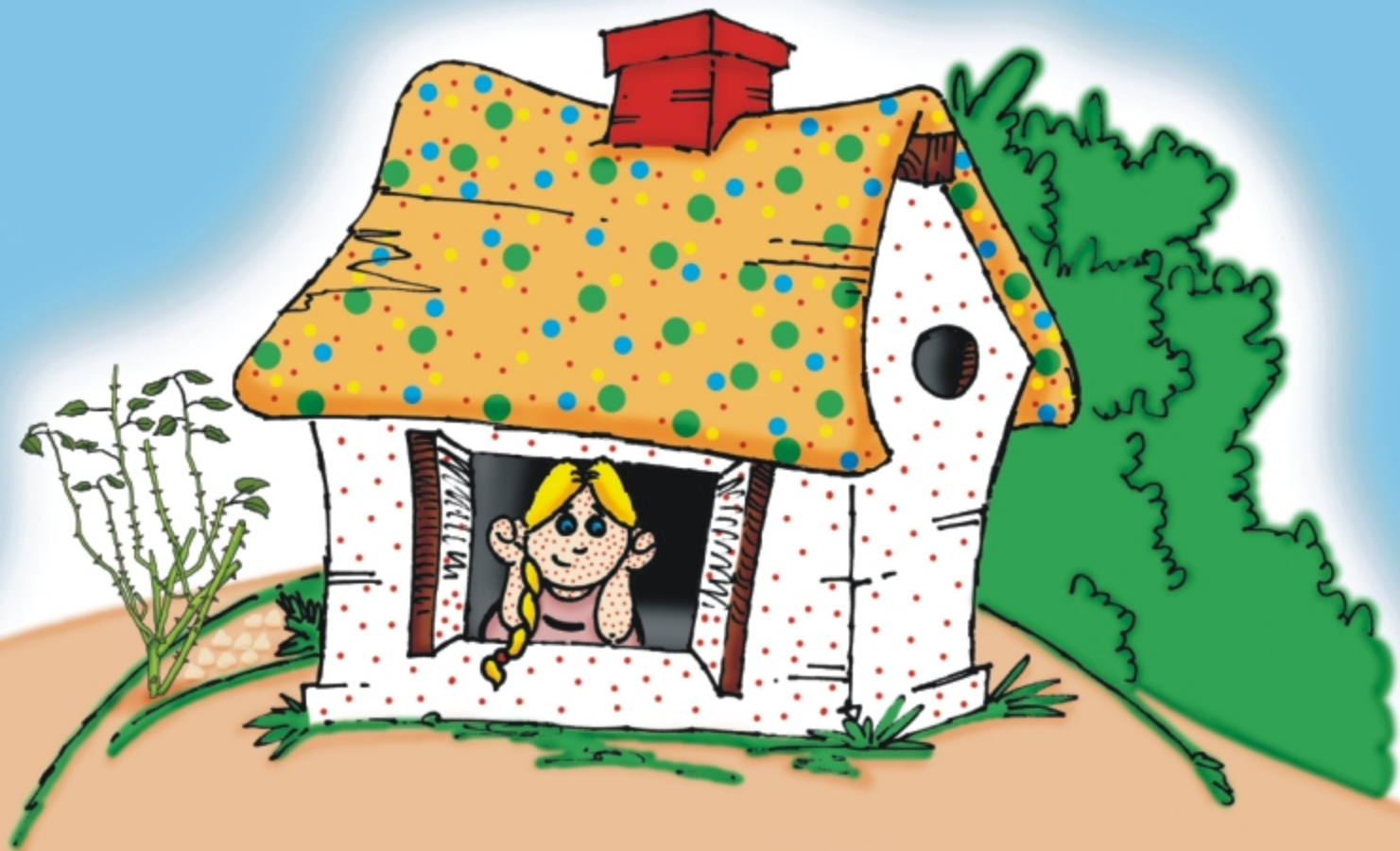
Ele foi. O sol estava bem em cima da Casinha de Bolinhas de Arco-Íris e ofuscava as bolinhas vermelhas.

Já era hora do almoço e nada do pai voltar. A menina estava com o rosto cheio de bolinhas. Parecia catapora.

Seu Antônio apareceu bem tarde, quase na hora do jantar. Apareceu de mãos vazias. Não trazia ervas e nem remédios.

Mas vou contar uma história que a dona Inês não sabe até hoje... O marido dela, para não chegar sem nada na casinha, teve uma idéia. Antes de entrar em casa, pegou umas folhinhas da roseira que crescia ao lado da casinha. Fez um chá e deu para a menina. Marcela estava com bolinhas pelo corpo todo. Ela adorava bolinhas. O pai tinha medo que o chá não desse certo e dona Inês descobrisse tudo.

Marcelinha começou a lembrar da casinha cheinha de bolinhas. Lembrou de todas as outras cores. Seu rosto estava feliz. Ela estava parecida com a casinha de Bolinhas de Arco-Íris. Que alegria!...



As pessoas de Arco-Íris sentiam falta, só agora, das outras bolinhas da casa no topo do Monte Sete-Léguas. A ausência das bolinhas estava dando o que falar. Todos tinham saudades.

Passaram-se dias, noites, sol, chuva, vento, nuvem, manhãs, tardes, noites e Marcelinha continuava com febre. O pai continuava dando o chá de folhinhas da roseira. Não adiantava nada. Seu Antônio ainda tinha esperança e fé. Dona Inês confiava no remédio.

E choveu naqueles dias... Numa manhã, depois de um longo período de chuvas e trovões, o sol voltou. Depois de tomar tanta chuva, a casinha ficou com suas bolinhas outra vez. As chuvas tiraram a tinta branca que Dona Inês tinha passado. E lá estavam as bolinhas amarelas, azuis e verdes de volta. O sol estava bem em cima da casinha. As bolinhas estavam mais claras e vivas.

O povo de Arco-Íris ficou feliz com a volta das bolinhas. Ninguém mais se atrevia a dizer que a casinha era cafoninha. Ela era bonitinha e graciosa.

Quando Marcela viu as bolinhas ficou tão, mas tão contente, que a dorzinha no coração desapareceu. As pintinhas do rosto também. Ela voltou a sentir aquela coisa forte, que só ela sentia pela casinha de bolinhas.





Gente grande nunca vai entender... Aquela casinha era muito especial para ela. As pintinhas no corpo de Marcela foram sumindo, sumindo, sumindo. A mãe ficou feliz. Seu Antônio também. Ele gostava da casinha com bolinhas. Marcelinha, nem se fala! Ela sentia aquele carinho especial e sentia que a Casinha de Bolinhas também tinha sentimentos. Marcelinha sabia que sim!

Dona Inês não implicou mais com as bolinhas. Deixou que ficassem lá para a alegria da filhinha. Era tão bom ver Marcelinha sorrir novamente. Pular e sentir aquela coisa estranha e especial pela casinha, que ninguém entendia.

Quando Marcela foi brincar com as pedrinhas coloridas do mar. De repente, viu uma coisa linda, maravilhosa: rosas na roseira. Elas eram cheinhas de bolinhas vermelhas, amarelas, azuis e verdes, iguais as da Casinha de Bolinhas de Ponto Final.

FIM

Escrito em 1993, o livro *A Casinha de Bolinhas de Arco-Íris* conta a história do amor da menina Marcela pela casinha situada no pico do Monte Sete-Léguas.

Você a acha cafona?  
Bonitinha?

Não deixe de ler a historinha e descobrir o segredo da roseira!

---

